

O pluralismo no Jornal Minas: Como é construída a narrativa audiovisual em um telejornal de caráter público¹

Gustavo Teixeira²

Iluska Coutinho³

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

O presente artigo busca entender como a narrativa audiovisual é construída na televisão pública, tendo como base a Rede Minas, emissora de TV de Minas Gerais. Para análise da materialidade audiovisual foram estruturados três eixos: Pluralidade; Diversidade e Regionalismo; Construção da Narrativa Audiovisual. Esses termos surgem no âmbito do grupo de pesquisa Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais (CNPq-UFJF), que desde 2009 investiga os conteúdos informativos da TV Pública, a partir do Manual EBC, 2013. Na atual fase da pesquisa se destaca as programações de caráter local e regional, como o Jornal Minas, da Rede Minas, que se constituiu no objeto empírico desse trabalho, tomando como recorte o período entre 09 e 20 de maio de 2016. O telejornal possui duas edições diárias, com duração de 30 minutos cada. O acesso do material foi realizado no canal do *youtube* “Jornalminastv”.

Palavras-chave: Telejornalismo Público; Jornal Minas; Narrativa Audiovisual; Pluralidade; Diversidade

Introdução

O objetivo desse artigo é investigar em que medida o telejornal Jornal Minas, produzido pela Rede Minas, tem cumprido os princípios do telejornalismo público, especificados no Manual da EBC. Entre eles o mais central é que a programação oferecida deve se diferenciar das emissoras comerciais por possuir independência política e econômica, não ter obrigação com a audiência e apresentar um jornalismo voltado para a defesa do interesse público e promoção da cidadania.

Para essa análise, serão utilizados os conceitos de Telejornalismo Público; Telejornalismo Local; Qualidade na TV; e Narrativa Audiovisual. A avaliação dos produtos audiovisuais será realizada a partir de três eixos desenvolvidos no âmbito do grupo Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais, da Universidade Federal de Juiz de Fora, coordenado pela professora Doutora Iluska Coutinho, tendo como referência especialmente os textos de José Tarcísio Filho acerca da qualidade na TV Pública (2015, 2016).

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Aluno de Graduação no curso de Jornalismo da UFJF, bolsista PIBIC-CNPq, integrante do Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais. E-mail: gustavo_tfp@yahoo.com.br

³ Doutora em Comunicação Social, professora do curso de Jornalismo e do PPGCOM da Faculdade de Comunicação da UFJF, orientadora do trabalho. E-mail: iluska@globo.com

O que entendemos como telejornalismo público implica em alguns objetivos diferenciais descritos no Manual da Empresa Brasil de Comunicações (EBC).

Mais do que um conjunto de regras e normas de comportamento, trata-se de um compromisso social da empresa e seus jornalistas com a busca da verdade, com a precisão, com a clareza, com o respeito aos fatos e aos direitos humanos, com o combate aos preconceitos, com a democracia e com a diversidade de opiniões e de pontos de vista (MANUAL DE JORNALISMO DA EBC, 2013, p.8)

Estabelece-se uma hipótese, a partir das promessas da TV Pública de transmitir informações com “honestidade, fidelidade, precisão e responsabilidade” (MANUAL DE JORNALISMO DA EBC, 2013, p. 21), da presença dos conselhos curadores e de profissionais concursados, de que o telejornalismo produzido na Rede Minas consegue ser mais plural e diverso que o realizado na mídia tradicional. Também por isso, mas não apenas, esses produtos poderiam oferecer uma inovação na narrativa audiovisual, que pode se revelar tanto no formato, como nas temáticas e modos de abordagem das temáticas.

Para investigar o cumprimento dos princípios e promessas do telejornalismo público recorreremos a alguns critérios de avaliação que estão identificados no manual da EBC. Nele defende-se que as programações dos canais públicos, como TV Brasil e Rede Minas, “Devem ser mediadas por um processo ético, rigoroso, criterioso, isento, imparcial, sem preconceito e independente – na sua apuração, organização, hierarquização, aferição e difusão dos acontecimentos” (MANUAL DE JORNALISMO DA EBC, 2013, p. 21).

A partir da hipótese estabelecida, o problema a ser investigado é avaliar o cumprimento das promessas do telejornalismo público, a partir dos eixos pluralidade, diversidade e regionalismo, além da construção da narrativa audiovisual em cada matéria do Jornal Minas e, nesse sentido compreender se existe alguma inovação em relação ao conteúdo produzido pela mídia tradicional. Essa análise da materialidade audiovisual será realizada tomando como documento o material disponível no YouTube no canal “jornalminastv”, publicado entre os dias 09 e 20 de maio de 2016⁴.

As emissoras comerciais ocupam um espaço de destaque no cenário televisivo brasileiro desde a chegada da TV ao Brasil, em 1950; nesse panorama, e também de acordo com a constituição brasileira de 1988, a televisão pública teria o compromisso de complementariedade ao serviço oferecido pelas emissoras privadas e estatais. A proposta de produzir um jornalismo cidadão, em que o interesse público seja valorizado em detrimento

⁴ Esse material encontra-se disponível em <https://www.youtube.com/user/jornalminastv/videos>.

do interesse do público, que deveria caracterizar o telejornalismo público como diferencial à mídia hegemônica.

As emissoras do campo público no Brasil estão organizadas em rede a partir da proposta da TV Brasil, criada em 2007, com a articulação de canais parceiros espalhados pelo país. Entre eles está a Rede Minas, que foi criada em 1984 por Tancredo Neves, e atualmente é integrada à política cultural do Estado de Minas Gerais. Sua programação se divide entre produções próprias e algumas parcerias com outras emissoras, tanto afiliadas, caso da TVE de Juiz de Fora, como também com outras emissoras públicas de televisão em âmbito nacional, caso da TV Brasil. Além disso, transmite sua programação 24 horas por dia na internet, pelo site <http://redeminas.tv>.

Além de abarcar os valores universais à qualquer emissora de radiodifusão, a Rede Minas estabelece em seu site outros princípios como: Família; Pertencimento; Interesse público; Isenção; Transparência; Cidadania; Pluralidade; Diversidade; Cultura mineira. (Site da Rede Minas, 2016)

O Jornal Minas, em sua página, <http://redeminas.tv/jornal-minas/>, estabelece alguns objetivos específicos como informar o cidadão, principalmente com a oferta de dicas de saúde, educação, cultura e esporte. O programa conta com entrevistas ao vivo, reportagens especiais e opiniões de especialistas, além de alguns quadros fixos do programa Direito do Cidadão, Sustentabilidade, coluna Trabalho, Futebol Mineiro e Giro Cultural nas sextas feiras. (Site da Rede Minas, 2016)

Principal programa jornalístico produzido pela emissora, possui duas edições veiculadas de segunda a sexta feira: a 1ª edição é veiculada às 11:30 horas, com apresentação de Renata Marques, e a 2ª edição às 19 horas, com apresentação de Raquel Capanema e Luciano Correia, ambas com 30 minutos de duração.

O trabalho de investigação proposto nessa pesquisa envolve a utilização de dois tipos de estudo ou estratégias/ tipos de pesquisa - empírica e bibliográfica - como forma de realizar explicações acerca do material audiovisual tomado como objeto de estudo. O método de procedimento a ser utilizado é a análise qualitativa de conteúdo audiovisual. As edições do Jornal Minas veiculadas no período de recorte serão a materialidade audiovisual investigada, a partir da frequência de elementos como pluralidade, diversidade e regionalismo na narrativa audiovisual.

Como modo de auxílio conceitual, e a partir da utilização da pesquisa bibliográfica como suporte, buscou-se o aprofundamento de temas como Telejornalismo Público, Telejornalismo Local e Qualidade no Telejornalismo.

Telejornalismo Público

Iluska Coutinho, em seu livro “A informação na TV pública” ressalta a importância da criação da TV Brasil, emissora de caráter público, principalmente no que se refere à “pluralidade e democratização do acesso à comunicação e à informação no Brasil” (COUTINHO, 2013, p.28), já que as televisões de exploração comercial tendem a priorizar em primeira instância o lucro e os índices de audiência.

No que se refere à oferta de informação televisiva, a implantação de uma emissora de TV pública no Brasil se constituiu em uma alternativa concreta para a prática de um jornalismo que priorizasse o interesse público e que fosse caracterizado pelo exercício dos direitos à informação e comunicação por parte dos telespectadores (COUTINHO, 2013, p.28).

Mais que isso, sinalizaria a possibilidade de oferta de um modelo diferenciado de telejornalismo, aqui denominado de Telejornalismo Público. Coutinho (2013), defende que o telejornalismo de caráter público teria como principais características sua independência financeira, não obrigação com a audiência, e ainda sua autonomia em relação ao governo. Quanto ao financiamento das emissoras públicas, Bucci, Chiaretti e Fiorini dizem:

Existem, como se sabe, diferentes fórmulas para o financiamento da televisão pública, que vão do financiamento estatal direto ao faturamento com publicidade, passando pelas receitas comerciais diversas, como as advindas da prestação de serviços, ou por taxas pagas por empresas do setor de telecomunicações e radiodifusão (BUCCI, CHIARETTI E FIORINI, 2012, p. 17)

A TV Pública possui alguns princípios e diretrizes, que são: “A busca da verdade, da precisão e da clareza, o respeito aos fatos, aos direitos humanos e à diversidade de opiniões são fundamentos da credibilidade, patrimônio maior da imprensa livre e da comunicação democrática” (MANUAL DE JORNALISMO DA EBC, 2013, p.19). Além deles, estão a Pluralidade, Imparcialidade, Liberdade, Discernimento e Regionalismo. (MANUAL DE JORNALISMO DA EBC, 2013, p. 23)

Porém, uma questão que surge é a confusão das emissoras públicas com TVs do Governo, governista, ou ainda com emissoras vinculadas a órgãos específicos, como a TV Câmara e a TV Senado. Allana Meirelles (2016), aponta que esse é um dos problemas para a autonomia da TV Brasil como emissora pública, e esse problema se estende enquanto limite para o próprio jornalismo público. Assim, podemos dizer que o jornalismo que deve ser público, necessita ter uma maior autonomia e independência dos três poderes (executivo, legislativo

e judiciário). O telejornalismo público se diferencia do comercial pois possui um compromisso com a população, e portanto, deve produzir um jornalismo cidadão, de interesse público.

O interesse da sociedade brasileira é o foco essencial do jornalismo da EBC, que deve se colocar a serviço do direito dos cidadãos à informação correta e qualificada, à comunicação plural e diversificada e à liberdade de pensamento, opinião e consciência. Por ser uma empresa de abrangência nacional, o jornalismo dos veículos da EBC deve ampliar sua cobertura a todas as regiões do país, sem discriminações, estigmatizações, preconceitos ou favorecimentos. (MANUAL DE JORNALISMO DA EBC, 2013, p.22)

Iluska Coutinho (2013), coordenadora do grupo Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais, desenvolve desde 2009 pesquisas sobre o telejornalismo público. Em seu livro, “A Informação na TV Pública” a autora defende que o telejornalismo de caráter público deve atender às exigências de isenção, equilíbrio, apartidarismo e pluralidade.

Telejornalismo Local

O telejornalismo local tem como características uma maior propagação do regionalismo, uma maior aproximação com o público e portanto, cria-se uma identidade entre o telespectador e o telejornal.

A constituição de uma(s) identidade(s) é marcada pelas relações do indivíduo com a sociedade na qual ele está inserido. Na atualidade, essa vivência do sujeito com o seu meio é permeada pelas mensagens transmitidas nos meios de comunicação, em especial pelos telejornais, sobretudo, locais. (COUTINHO, 2008, p.2)

Pensando a partir dos critérios de noticiabilidade, onde aquilo que é mais relevante é o que entra no jornal, podemos inferir que por conta do telejornalismo local abarcar uma população menor do que os telejornais de âmbito nacional, o mais relevante, tende a se relacionar a fatos mais próximos da realidade do telespectador, para assim buscar uma relação com o público de pertencimento na narrativa do telejornal.

No telejornal local, por não se ter uma perspectiva tão globalizada, há mais espaço para a notícia que aproxima o telespectador do telejornal, e portanto, permite essa criação de uma relação intimista entre emissor e receptor. Assim, é possível se trabalhar alguns traços culturais dessa parte da sociedade, e o que se torna mais relevante são situações cotidianas e que possuem uma maior representação para quem assiste o telejornal.

O telejornalismo local ganha importância principalmente em um país de grande extensão territorial como o Brasil, que possui uma sociedade plural enquanto características culturais e com diferentes usos e costumes, tradições e sotaques, pois é a partir dele que pode-se estabelecer uma criação de laços com o telespectador, e portanto, maior identificação com a

narrativa audiovisual. Iluska Coutinho (2008), ao analisar o Jornal da Alterosa, revela essa proposta do telejornal local em aproximar o público e criar uma relação de identidade com ele:

A(s) identidade(s), construídas e percebidas pelos indivíduos e grupos, estão estreitamente atreladas aos sistemas de representação. É a partir deles, dos significados apresentados por esses sistemas, que os indivíduos se posicionam como sujeitos. Assim, o estudo dos símbolos veiculados no telejornal local veiculado pela TV Alterosa que é foco desse artigo, auxilia na identificação das relações de pertencimento que a emissora de televisão tenta estabelecer com seu público (COUTINHO, 2008, p.4)

Por possuir uma perspectiva de maior aproximação com o seu público, o telejornal local consegue passar uma maior credibilidade, principalmente por conta da maior relação e até mesmo acessibilidade que ele possui. Utilizando como exemplo o Jornal Minas, objeto de estudo desse artigo, nota-se uma maior inserção do público em relação a telejornais de âmbito nacional e as temáticas abordadas na maioria das vezes buscam trazer as notícias para a realidade mineira. Além disso, no telejornalismo local, existe um maior espaço para notícias de denúncias, e que portanto aproximam o material veiculado da realidade do telespectador.

Porém produzir jornalismo em âmbito local possui alguns desafios e até mesmo dificuldades, como menor disponibilidade de cobertura e uma maior dificuldade de independência em relação aos órgãos financiadores, seja o governo ou outro anunciante. Com isso, a isenção, pluralidade e diversidade, princípios do telejornalismo público, podem acabar prejudicados. Em seu livro, “A informação na TV Pública”, Iluska Coutinho (2013) aponta o caso da TV Cultura, que é gerida pela Fundação Padre Anchieta e por um Conselho Gestor, mas seu modo de financiamento se aproxima do modelo de TV estatal, e mesmo apesar de ser referência no telejornalismo público, a emissora perde autonomia e isenção. Mas esse não é um caso exclusiva da TV Cultura, e ocorre em outras emissoras que produzem o telejornalismo local. “Em várias outras localidades esse caráter de vinculação com o governo estadual é ainda mais direto, o que pode comprometer a autonomia, financeira e editorial das emissoras”.

A partir da importância que o telejornalismo local pode ter para o cidadão enquanto fonte de informação, entra em questão a qualidade do telejornalismo, temática pesquisada no âmbito do grupo Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais e apresentada a seguir.

Qualidade do Telejornalismo

O conceito de qualidade possui várias definições e não é um termo exclusivo da área da comunicação. José Tarcísio Oliveira Filho (2015) associa o termo a algo que procura trazer uma melhora, algo que é positivo e que se consolidou um referencial norteador de muitas organizações no sentido de melhorar a vida das pessoas.

Porém, a grande questão de tentar mensurar o que é qualidade é a partir de que será produzida a análise, tendo em vista que é necessário estabelecer padrões sobre modelos que são de fato um material de qualidade ou o que não é, para depois comparar tais mediadores com outros.

Becker (2005), procura entender o que seria telejornalismo de qualidade a partir dos Estudos Culturais e da Semiologia, e afirma que esse é um conceito em construção. Nesse sentido, Becker considera importante a diversidade de opiniões e conteúdo, não só para a regulação da mídia, como também como medidor de qualidade. Assim, a autora apresenta algumas marcas da narrativa audiovisual que norteiam uma verificação acerca do que é telejornalismo de qualidade: “1. A estrutura; 2. Os blocos: construção e distribuição; 3. O ritmo; 4. Os apresentadores; 5. Os repórteres; 6. As matérias; 7. As entrevistas e os depoimentos; 8. Campos temáticos: as editorias; 9. A credibilidade; 10. Recursos gráficos e cenários” (BECKER, 2005, p.8)

Em produção de Luiz Augusto Egypto Cerqueira, em parceria com a Unesco, o autor chegou a alguns parâmetros de avaliação da qualidade do telejornalismo como apuração da notícia, independência, ética, responsabilidade social e atendimento às demandas da audiência, que estaria no campo da credibilidade, pluralidade e diversidade. Já Bucci, Chiaretti e Fiorini afirmam que a qualidade do jornalismo deve estar ligada à transparência e independência política e econômica da emissora.

A professora e coordenadora do grupo de Pesquisa de Análise de Telejornalismo, Itania Maria Mota Gomes defende quatro eixos que norteiam a qualidade no telejornalismo.

A discussão sobre qualidade no telejornalismo, particularmente, no Brasil, tem sido pautada por quatro eixos básicos, às vezes intercambiáveis: a desregulamentação e concentração da propriedade dos canais de TV por fortes grupos político-econômicos e/ou familiares; a função social do jornalismo; a popularização da audiência; e a qualidade técnica, em especial a qualidade de imagem e som. Em todos os casos, quase nunca se realizam análises sobre programas específicos, mas estes, citados individualmente ou em bloco, aparecem como pretexto para justificar as críticas que já estão incorporadas às tais abordagens. (GOMES, 2006, p.3)

No Manual da EBC, a empresa aborda a qualidade como: “Em regime integral, o jornalismo da EBC persiste no zelo pela qualidade, aqui entendido como informação apurada sob rigor

e exatidão e transmitida com clareza e objetividade, por profissionais preparados e em constante atualização” (MANUAL DE JORNALISMO DA EBC, 2013, p.75)

Coutinho (2013), propõe uma análise da qualidade do/no telejornalismo, a partir da Narrativa Audiovisual, com enfoque no telejornalismo público, seu objeto de estudo. E essa investigação se dá a partir de quatro eixos: o primeiro é a partir dos conteúdos veiculados, de sua seleção temática e abordagem; o segundo na perspectiva de diferenciação na pauta entre o telejornalismo comercial e o público, e nesse eixo está englobado o tempo de cada tema, fontes e formato da notícia, justamente na tentativa de um maior aprofundamento em seu noticiário; o terceiro, está relacionado a representação do interesse público, quais temáticas entram no telejornal e qual a angulação da cobertura e o quarto eixo diz respeito ao tipo de representação brasileiro veiculada nos noticiários, e nesse eixo está a incorporação de minorias e inclusão de diferentes grupos identitários.

As principais referências para a realização da análise da materialidade audiovisual selecionada, se deram no âmbito do grupo Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais e a partir da dissertação de mestrado de José Tarcísio Oliveira Filho, "Qualidade no telejornalismo: parâmetros para avaliação em emissoras públicas e comerciais".

Análise das Matérias do Jornal Minas

No total foram analisadas 53 matérias, totalizando 2 horas e 58 minutos, em 10 edições do telejornal, no período que vai de 09 a 20 de maio de 2016. A partir do método de análise de conteúdo, de forma qualitativa, a pesquisa empírica se deu a partir de duas tabelas, consolidadas no âmbito do grupo Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais. A primeira foi desenvolvida por pela UFJF, José Tarcísio Filho, em sua dissertação de mestrado, e a segunda se deu a partir de discussões do grupo, ambas com o apoio e supervisão da professora Dra. Iluska Coutinho.

Na análise da Pluralidade, Diversidade e do Regionalismo, busca-se compreender quais são e como são representadas as fontes utilizadas pelo telejornal. Assim, a partir das perguntas: “A reportagem mostra grupos ou pessoas que são excluídas da mídia tradicional? Há contraponto de ideias? Pessoas com diferentes visões são ouvidas?”, procura-se compreender se os atores sociais que são inseridos na narrativa audiovisual apenas reforçam um grupo que possui representatividade na mídia tradicional ou se de fato observa-se a presença de minorias.

Além de investigar se existe mais de uma perspectiva sendo trabalhada nas notícias, não só no caso de dar a mais de uma fonte espaço na narrativa, mas na procura de entender se essas fontes se contrapõem enquanto discurso, ou se os atores sociais utilizados apenas elevam ou mesmo reforçam uma visão de mundo que o telejornal deseja passar para o seu telespectador.

Outras perguntas como: “É perceptível a presença da diversidade étnica, racial, religiosa, sexual ou regional na matéria? O assunto é abordado em diferentes regiões do país?” procuram apreender se os atores sociais utilizados no telejornal são de diferentes tipos e regiões, por se tratar de um telejornal local, conforme previsto no Manual da EBC.

Já na Construção da Narrativa Audiovisual, observa-se aspectos relacionados ao formato que a notícia possui, com elementos como cabeça, off, passagem, arte, sonora, sobe som, entrevista e nota pé.

Além disso, podemos pensar nas imagens que a edição utiliza no telejornal. E uma diferença que a televisão possui em relação ao impresso e ao rádio é o acréscimo da imagem, não apenas de forma estática, mas em movimento. E nesse sentido, as imagens utilizadas pelo telejornal podem não apenas compor uma narrativa, como também exercer papel essencial para a matéria.

A imagem, a principal qualidade que a TV acresce à notícia impressa ou radiofônica, alterou muito do conteúdo e da forma de apresentação da notícia na TV. A imagem alterou os processos de seleção e de organização editorial das notícias, a ponto de que algumas notícias ganham prioridade na estrutura do programa porque são acompanhadas das imagens (GOMES, 2006, p.10)

Outra questão analisada é enquanto as fontes. O modo como elas são utilizadas, como se dá a colocação delas na narrativa, a partir de algumas possibilidades, como por exemplo: vilão, mocinho, vítima, arauto, expert e qual o papel desse ator social tanto para a notícia, como também para a arquitetura do telejornal, visto que ele possui caráter de exploração pública.

Além disso, é importante investigar nesse eixo se há uma inovação da narrativa. E essa inovação pode se dar tanto no formato em que o material é produzido, como a partir da temática que é abordada pelo telejornal, além do modo como as fontes entram na notícia.

Pluralidade, diversidade e regionalismo	- A reportagem mostra grupos ou pessoas que são excluídas da mídia tradicional? Sim (37) Não (16) X (0) - Há contraponto de ideias? Sim (15) Não (37) X (1) - Pessoas com diferentes visões são ouvidas? Sim (18) Não (31) X (4) - É perceptível a presença da diversidade étnica, racial, religiosa, sexual ou regional na matéria? Sim (39) Não (14) X (0) - O assunto é abordado em diferentes regiões do país? Sim (4) Não (37) X (12)
Narrativa Audiovisual	-Qual o formato da notícia? (off, sonora, passagem, artes, sobe som, entrevista) -Quais imagens a edição utiliza? -Quais fontes tem voz? -Como são colocadas as fontes, na matéria? (vilão, mocinho, vítima, arauto, expert) -Qual o papel da fonte na narrativa? -Existe uma inovação da narrativa? Sim (32) Não (21) X (0)

A análise das 53 matérias se deu em primeira instância a partir da classificação em categorias das notícias e de seu número de inserções no telejornal durante o período analisado: Comunicação, 2 vezes; Cultura, 3 vezes; Economia, 2 vezes; Educação, 4 vezes; Esportes; 4 vezes; Política, 5 vezes; Saúde, 3 vezes; Sociedade 30 vezes. Além disso, notou-se que dentre o total, 18 matérias podem ser classificadas em mais de uma categoria. Em Economia, as duas inserções que a editoria teve se deram de forma seguida. Em Esportes, metade das matérias foram sobre as Olimpíadas, assunto que também ganhou destaque na editoria de Sociedade, com seis notícias sobre a passagem da tocha olímpica por BH, que também poderiam estar na classificação da editoria de Esportes.

Um fato que chamou a atenção foi a editoria de comunicação, pois nas duas notícias veiculadas pelo telejornal nessa categoria, ambas discutiam o fazer jornalístico, como trazer melhorias para a produção dos telejornais de caráter público. E uma outra observação a partir da análise do Jornal Minas foi o número de notícias sobre política, apenas 5 em 53 veiculadas no período, que costuma ganhar destaque em meio a outras editorias.

A partir das perguntas elaboradas por José Tarcísio Filho, no eixo Pluralidade, Diversidade e Regionalismo, o resultado observado foi peculiar em cada questionamento. Das 53 matérias veiculadas pelo Jornal Minas, 37 mostram grupos ou pessoas que são excluídas da mídia tradicional, e nesse sentido, considera-se minorias ou atores sociais que não possuem representatividade nos telejornais de caráter comercial. Destaca-se no entanto a editoria de Sociedade, que das 30 notícias veiculadas, 23 conseguem mostrar atores sociais excluídos da mídia tradicional. Apenas em Política e em Cultura que existem mais notícias sem representatividade de grupos ou pessoas que não estão nas emissoras comerciais, com 5 matérias, de 8 veiculadas pelo telejornal.

Já no caso das perguntas sobre a contraposição de ideias e diferentes visões de mundo, notou-se que na maior parte a resposta foi que não ocorreu, 37 e 31 vezes, respectivamente. E em apenas 15 casos ocorreram oposição de ideias e em 18 foi observado diversas visões de mundo. Em algumas matérias as perguntas não puderam ser respondidas, ou por não ter fontes utilizadas nas matérias que é o caso da matéria sobre a tocha olímpica ter chegado a Minas Gerais⁵, ou no caso da notícia sobre a escolha de terrenos de lavoura por parte dos moradores de Bento Gonçalves após o rompimento das barragens de Mariana⁶.

Na análise observa-se ainda que 8 matérias consegue ouvir diferentes visões de mundo, mas não consegue inserir ideias que divergem entre si. Como no exemplo da notícia sobre o término das inscrições para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e a possibilidade de pessoas mais velhas também sonharem em entrar na faculdade⁷, em que há três fontes, uma diarista e uma enfermeira que vão fazer a prova para tentarem entrar em uma universidade e uma psicóloga que fala sobre o assunto. Porém todas as fontes apresentam um discurso alinhado, sem diferenciação de ideias, mesmo que ocupem posições divergentes dentro da narrativa.

O contrário também ocorre, mas apenas uma vez, na matéria de política que fala sobre o voto proporcional Brasil, ou quociente eleitoral⁸, que desenvolve uma divisão a partir da legenda e do número de votos que cada legenda conquista. Nesse caso é apresentada diferentes ideias, que estão representadas nas vozes do povo, especialista e de uma candidata que não venceu por conta do quociente eleitoral, mas todas as sonoras revelam uma mesma visão de mundo, tanto que a candidata diz concordar com o modo que se dá a votação no Brasil, mesmo sendo ela mais votada do que outras pessoas que conseguiram a eleição.

No questionamento acerca da presença de diversidade étnica, racial, religiosa, sexual ou regional, 39 das 53 matérias conseguiram cumprir esse ponto, previsto no Manual da EBC, e as outras 14 não. Mas essa diversidade em várias das notícias produzidas para o Jornal Minas não apenas contemplam a diversidade das fontes, como também nas temáticas apresentadas, casos do dia internacional de combate à homofobia⁹ (17/05) e do dia em que se comemora a abolição da escravidão no Brasil¹⁰ (13/05).

⁵ Publicada em 09 de maio de 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=5hPdA3XzCWw>

⁶ Publicada em 09 de maio de 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=ye6TXY6yIVc>

⁷ Publicada em 17 de maio de 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=3NkqIQqEs8I>

⁸ Publicada em 13 de maio de 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=qDaphIPVaRM>

⁹ Publicada em 17 de maio de 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=nzwwjKJu74dQ>

¹⁰ Publicada em 13 de maio de 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=mK3UqPs86kg>

E um outro ponto abordado é a questão do regionalismo, principalmente por se tratar de um telejornal local, que mais do que o nacional deve ser um lugar de identidade para com o telespectador, porém no caso do Jornal Minas, ele é pouco explorado, tendo grande parte de suas matérias centradas na grande BH, local que abarca Belo Horizonte e a sua região metropolitana. Esse fato se repete em 37 oportunidades. Em 12 matérias não tem como medir se há ou não regionalismo, como no caso da matéria sobre a natação e o atleta Kaio Márcio¹¹. E apenas em 4 notícias o regionalismo é trabalhado, com destaque para uma produção da TVE, Juiz de Fora¹², afiliada da Rede Minas.

Em consonância com o que ocorreu no Jornal Minas, onde grande partes das matérias foram produzidas no eixo da Grande BH, Iluska Coutinho (2008), em seu texto “Telejornalismo local e Identidade: O Jornal da Alterosa e a construção de um lugar de referência”, apresenta o caso da TV Alterosa, que apesar de abarcar a Zona da Mata mineira, possui um maior volume de matérias no âmbito de Juiz de Fora: “Os fatos mais abordados pelo noticiário são os que acontecem em Juiz de Fora cidade sede da TV, os telespectadores dos outros 126 municípios que recebem o sinal da Alterosa dificilmente conseguem se ver na telinha” (COUTINHO, 2008, p.6)

Apesar do Manual da EBC apresentar medidas para a TV Pública, dentre elas ser plural, diversa e regional, em nenhuma das matérias veiculadas o telejornal da Rede Minas conseguiu atender aos três princípios, representados pelas cinco perguntas da tabela. Em contrapartida, 8 das 53 matérias não atenderam a nenhum dos critérios analisados, como por exemplo quatro notícias sobre a tocha olímpica, veiculadas na página jornalminastv, no YouTube, no dia 14 de maio.

Já no eixo Construção da Narrativa, observou-se que o Jornal Minas não possui um formato bem estabelecido, desconstruindo também o formato convencional, proveniente das emissoras de exploração comercial, em que a matéria se dá a partir de uma cabeça, off e passagem. Os dois únicos elementos que estão presentes em quais todas as notícias veiculadas pelo telejornal são off e sonora.

Em nenhuma das matérias veiculadas no canal do YouTube do Jornal Minas porém notou-se nem as cabeças e nem notas pé, portanto, não foram analisados esses dois elementos enquanto o formato das notícias produzidas. E essa ausência se dá devido ao fato de serem disponibilizadas na internet apenas o link de cada notícia veiculada na televisão, sem a presença da chamada inicial e do encerramento da matéria.

¹¹Publicada em 17 de maio de 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=JtNFqOFD8Kg>

¹²Publicada em 18 de maio de 2016, https://www.youtube.com/watch?v=h7IIq-RC_6A

Um ponto importante para a Construção da Narrativa é a fonte. Por isso, o desdobramento em três perguntas direcionadas a elas: Como são colocadas as fontes, na matéria? E nesse sentido foram definidos alguns parâmetros, vilão, mocinho, vítima, arauto e expert. Quais fontes tem voz? Qual o papel da fonte na narrativa?

A partir de análise do Jornal Minas, notou-se que em geral, os especialistas ou pessoas que possuem algum conhecimento específico na temática abordada são colocados como arautos ou experts, possuindo na maioria das vezes um maior espaço de tempo na narrativa em relação a outras fontes. Já a população possui uma variação, podendo ser mocinho, vítima e arauto. Mas na maior parte das matérias as fontes populares são colocadas como vítimas, reclamando de algo ou como mocinhos, personificando uma temática.

Por conta do Jornal Minas possuir muitas notícias sobre sociedade, o povo em muitas matérias aparece como ator social da narrativa, e também como fonte. Mas em editorias como política e economia na maioria das vezes utilizou-se como fontes especialistas, por se tratar de temáticas que normalmente possuem mais termos técnicos e um maior grau de complexidade. Um exemplo que ilustra ambas as situações é na notícia sobre escritórios compartilhados¹³, pois mesmo que se tenha 8 fontes que falaram sobre a experiência de compartilhar um escritório, é na figura de um especialista, que podemos encontrar as informações que trazem algum acréscimo à narrativa, e não apenas uma personificação da temática, a partir de uma opinião.

Quanto às editorias, Economia e Política não conseguem fugir muito do modelo tradicional de notícias, pois de 7 inserções, em duas não há fontes e em quatro matérias observou-se a presença do especialista, que entra principalmente para propagar um discurso que se aproxima com o do telejornal. Já a editoria que mais consegue fugir do padrão, tanto no formato, quanto na temática, é a de Sociedade, fato que provavelmente ocorre por conta do vasto número de matérias dessa categoria.

Um importante ponto para a Narrativa Audiovisual é que imagens são utilizadas pela edição do telejornal. E em grande parte das matérias veiculadas o Jornal Minas consegue ser inovador e isso faz com que as imagens ajudem a compor a narrativa, inclusive diferenciando essas matérias dos telejornais comerciais. Observou-se também o uso de arte, o que ajuda a compreensão do telespectador. Como na notícia sobre as bicicletas dobráveis¹⁴.

¹³Publicada em 19 de maio de 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=xDiHAeOHNXg>

¹⁴ Publicada em 17 de maio de 2016, https://www.youtube.com/watch?v=tnXZ3KC_gfw

Um último questionamento acerca da Construção da Narrativa é se existe uma inovação da narrativa? E no período analisado, em 32 das 53 matérias possuem uma inovação, que pode se dar na temática, por ser um assunto que não é normalmente tratado na mídia tradicional, no modo de abordagem, por tratar uma notícia com um olhar diferenciado ou procurar promover cidadania e no formato, por desconstruir o modelo tradicional composto por cabeça, off e passagem. E em algumas matérias é possível observar os três modos de inovação, como por exemplo na pauta sobre uma lei federal que permite com alunos com deficiência possam ter acompanhamento pedagógico individual também nas escolas particulares.

Considerações Finais

A hipótese de que o Jornal Minas é mais plural, diverso e possui a presença de regionalismos não se confirmou em sua totalidade, pois mesmo que em 45 matérias ao menos uma das cinco perguntas desenvolvidas por Tarcísio Filho Oliveira (2015, 2016) são respondidas de forma positiva, em nenhuma pode-se verificar os cinco questionamentos respondidos de forma positiva, enquanto oito das 53 matérias não atenderam a nenhum dos três eixos.

A partir dos resultados da pesquisa, observou-se que o telejornal se preocupa em mostrar pessoas excluídas da mídia tradicional e também consegue em sua narrativa promover a diversidade étnica, sexual e racial, mas ainda falta essas fontes de fato criarem uma oposição de ideias e visões de mundo, além das dificuldades quanto ao regionalismo. Por ser um telejornal local que abarca grande parte do estado de Minas Gerais, o Jornal Minas deveria buscar formas de trabalhar as peculiaridades de cada região do estado, além de trazer mais produções fora da chamada “Grande BH”, pois ao não conseguir apresentar o regionalismo, perde-se também enquanto criação de laços e até mesmo de identidade com muitos dos telespectadores que não se sentem representados e acabam vendo os problemas de fora, assim como normalmente ocorre nos telejornais de âmbito nacional.

Apesar de ser notório o esforço em sair do convencional, muitas das matérias veiculadas pelo telejornal da Rede Minas ainda trazem traços do modelo tradicional de se fazer jornalismo, evidenciado principalmente na figura da fonte, que em geral não acrescenta informações para a narrativa, e se apresenta como parte dela. Assim, podemos inferir que há a representação de fontes excluídas da mídia tradicional, mas sem representatividade.

Na construção da narrativa audiovisual o Jornal Minas consegue em partes cumprir os princípios do telejornalismo pública. Observou-se que na maior parte das matérias veiculadas o telejornal consegue uma inovação da narrativa, e em grande parte as imagens

utilizadas pela edição auxiliam e por vezes são responsáveis por essa inovação. Porém, o noticiário encontra algumas dificuldades principalmente quanto as fontes. O telejornal público, em grande parte das notícias distingue as fontes utilizadas para compor a narrativa. Os especialistas aparecem com um maior espaço e em geral são eles quem explicam assuntos mais complexos ou buscam passar informações para o público. Já as fontes populares, em grande parte das matérias aparecem na narrativa apenas de modo a reforçar um discurso editorial, personificar uma temática ou em tom de reclamação ou denúncia, mas na maior parte das notícias sem voz ativa, e nas figuras do mocinho ou da vítima.

Pensando na qualidade do telejornalismo público, o Jornal Minas, apesar de algumas falhas e dificuldades, apresenta um noticiário isento e independente, com compromisso para com o cidadão, fato evidenciado no elevado número de matérias sobre sociedade. Além disso, mesmo que ainda não consiga ser ao mesmo tempo plural e diverso, nota-se a preocupação da emissora nesse sentido. E um caminho para isso é a partir da inovação da narrativa, procurar investir também nos outros elementos da narrativa, como por exemplo um maior cuidado com as fontes utilizadas.

Referências Bibliográficas

- BECKER, Beatriz. Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção. Revista Galáxia, São Paulo, n. 10, p. 51-64, dez. 2005.
- BUCCI, Eugênio; CHIARETTI, Marco e FIORINI, Ana Maria. Indicadores de qualidade nas emissoras públicas – uma avaliação contemporânea. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002166/216616por.pdf>, 2012.
- COUTINHO, Iluska (Coordenadora do trabalho).
- COUTINHO, Iluska (org). A informação na TV pública. Florianópolis: Insular, 2013.
- COUTINHO, Iluska. Identidade no Telejornalismo Local: A Construção de Laços de Pertencimento entre a TV Alterosa Juiz de Fora e o seu Público, 2008.
- GOMES, Itania. Telejornalismo de qualidade Pressupostos teóricometodológicos para análise. Apresentado no Compós, 2006.
- http://www.ebc.com.br/sites/default/files/manual_de_jornalismo_ebc.pdf, site que contém o Manual de Jornalismo da EBC.
- <https://www.youtube.com/user/jornalminastv/videos>, site que contém os vídeos do telejornal Jornal Minas
- JORNAL MINAS REDE MINAS. Disponível em <http://redeminas.tv/jornal-minas/>. Acesso: 08/05/2016.
- OLIVEIRA FILHO, José Tarcísio. A TV Pública e a Busca por Métodos de Verificação da Qualidade. 2015.
- OLIVEIRA FILHO, José Tarcísio. Qualidade no telejornalismo: parâmetros para avaliação em emissoras públicas e comerciais. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.
- VIEIRA, Allana Meirelles. Autonomia relativa e disputa por hegemonia na televisão pública: a participação dos movimentos sociais na TV Brasil. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.
- WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. Mass media: contextos e paradigmas Novas tendências Efeitos a longo prazo O newsmaking Textos de apoio, Editorial Presença, Acesso 2016, Disponível em file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Teorias_da_Comunica_o.pdf